Fonte:
AZEVEDO, Artur. *Teatro de Artur Azevedo - Tomo 1*. Instituto Nacional de Artes Cênicas- INACEN. v. 7 (Clássicos do teatro Brasileiro).

Texto proveniente de:
A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>
A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo
Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:
Sérgio Luiz Simonato

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

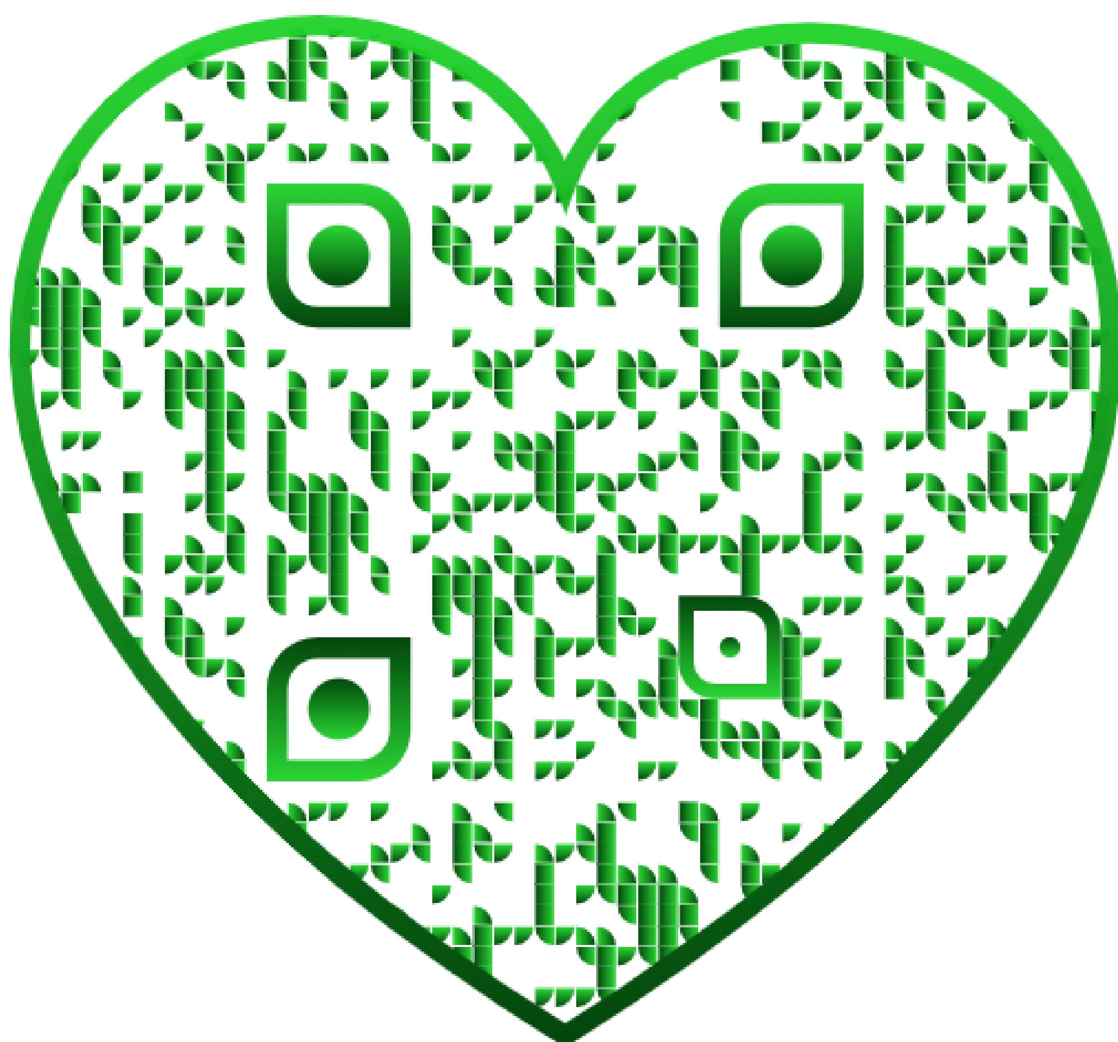
Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível

O LIBERATO
Artur Azevedo

Comédia

Oferecida ao Excelentíssimo Senhor
Doutor Joaquim Nabuco

Representada pela primeira vez no Teatro Lucinda do Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1881.



PERSONAGENS

GONÇALO
DOUTOR LOPES
RAMIRO
MOREIRA
DONA PERPÉTUA
ROSINHA

A cena passa-se na cidade do Rio de Janeiro, em 1880.

O teatro representa uma sala. Duas janelas ao fundo, duas portas de cada lado, quatro cadeiras e uma poltrona, consolos.

Cena I

Rosinha, debruçada a uma das janelas; **Dona Perpétua**, entrando da esquerda, primeiro plano; logo depois **Gonçalo**, da direita, segundo plano.

DONA PERPÉTUA *(Entrando de muito mau humor, com um vergalho na mão.)* - Ora valha-me Deus! Não me faltava mais nada!...
ROSINHA e GONÇALO *(Descendo ao proscênio.)* - O que foi?
DONA PERPÉTUA - O diabo do negro - Deus me perdoe! - agora é que se lembrou de cair doente! Como até estas horas não saía do quarto, fui buscá-lo preparada com este vergalho, e encontrei-o ardendo em febre. Desavergonhado!
GONÇALO *(Timidamente.)* - O Liberato?
DONA PERPÉTUA - O Liberato, sim senhor Pois quem havia de ser? É surdo? Que inferno! Esta só a mim acontece!
ROSINHA - É coisa de cuidado?
DONA PERPÉTUA - Um negro nunca tem coisa de cuidado! E este diabo, se não fosse valer uns oitocentos mil réis...
GONÇALO - Vou chamar o médico?
DONA PERPÉTUA - Vá, homem de Deus, vá! Mexa-se, com todos os demônios! Parece estar a dormir!
GONÇALO *(Vai buscar o seu chapéu sobre o consolo que deve estar entre as duas janelas, e dirige-se para a esquerda, segundo plano. A Rosinha, que se dirige à porta da esquerda, primeiro plano.)* - Onde vai?
ROSINHA *(Naturalmente.)* - Vou ver o Liberato;
DONA PERPÉTUA *(Com autoridade.)* Fique! *(Rosinha volta e vai para a janela.)* Por causa destas e de outras confianças, é que o demônio do negro...
GONÇALO *(Quase a sair, parando.)* - Adoeceu?
DONA PERPÉTUA - Cale-se. *(Gonçalo desaparece)* Agora vá lá ficar o dia inteiro, como é seu costume! Que marido! *(Sai pela direita, segundo plano.)*

Cena II

Rosinha, só

[ROSINHA] *(À janela. Ouvindo dar horas tem um gesto de impaciência e desce ao proscênio.)* - Duas horas, e primo Ramiro nada de aparecer! A que será devida esta demora? É o primeiro domingo em que não aparece logo depois do meio dia! Estará doente? *(Aplicando o ouvido.)* Parece que sobem a escada... Deve ser ele... É ele, é, não me engano... *(Aparece Moreira da esquerda, segundo plano.- Vendo-o, despeitada.)* - Ora!

Cena III

Rosinha, Moreira

MOREIRA *(Entrando.)* - Licença para um. *(Dirigindo-se a Rosinha, com muita amabilidade.)* Como tem passado, Dona Rosinha? Tem passado bem?
ROSINHA *(Secamente.)* - Bem, obrigada.

MOREIRA *(Sentando-se na poltrona. Tem deixado o seu chapéu sobre o consolo que estará entre as duas portas da esquerda.)* - Eu vou indo conforme Deus é servido. *(Tomando uma pitada de tabaco, movimento este que repete quatro ou cinco vezes durante a peça.)* Mamãe está boa?

ROSINHA - Boa, obrigada. *(Vai à janela, a ver se chega o primo.)*

MOREIRA - Não lhe pergunto por papai, porque o encontrei ali na esquina. Disse-me que ia chamar o médico para ver o negro, que caiu doente. Isto de negros, põem-se finos com duas lambadas. Lá na fazenda, tenho o Doutor Bacalhau que faz milagres!

ROSINHA *(Voltando da janela.)* - O senhor viu por aí primo Ramiro?

MOREIRA *(Muito sério.)* - Vi, minha senhora, e também vi seu tio!

ROSINHA *(Interessada.)* - Onde?

MOREIRA - Na tal conferência!

ROSINHA - Que conferência?

MOREIRA - Pois não sabe que se trama entre nós uma grande conspiração contra a propriedade particular?

ROSINHA - Uma grande conspiração?

MOREIRA - Que meia dúzia de rapazolas inconseqüentes, que nada tem que perder, que não possui um moleque ou uma negrinha para remédio, arvorou-se em defender a emancipação dos escravos, empunhando o facho da discórdia, e anda a proclamar *urbi et orbi* - pelos botequins, pelas gazetas e até pelos teatros - a dilapidação da fortuna particular?!

ROSINHA - Deveras?

MOREIRA - Em outra qualquer parte que não fosse o Rio de Janeiro, isto seria uma quadrilha de ladrões; aqui chama-se a isto o Partido Abolicionista! *(Erguendo-se percorrendo a cena, de muito mau humor.)* Pois não! Uma gente sem eira nem beira, nem ramo de figueira: uns pobres diabos, carregados de esteiras velhas, que se ralam de inveja, quando vêm um cidadão prestante como eu, que possuo cinqüenta escravos, ganhos com o suor do meu rosto! *(Surpreendendo um sorriso de Rosinha.)* Sim, senhora: ganhei-os com o suor do meu rosto, a trabalhar, *(Gesto como se tirasse suor da testa com o polegar.)* e não a dizer baboseiras no teatro...

ROSINHA - E foi no teatro que se encontrou com primo Ramiro?

MOREIRA - No teatro, sim, senhora: agora há comédias também de dia. E seu primo dava palmas e gritava: — Bravo! - àquela caterva de desmiolados que desejam a ruína do país!

ROSINHA - Oh!

MOREIRA - Do país, sim, que depositou na grande lavoura as suas esperanças. — E seu tio, o Doutor Lopes, um homem formado, que deve ter juízo, nem sequer repreendia o filho!

ROSINHA - Modere-se, Senhor Moreira!

MOREIRA *(Esbravejando.)* - A ruína do país ainda não é nada!... Mas o aniquilamento da riqueza particular? E o meu dinheiro?

ROSINHA - Vejo que o senhor é um patriota...

MOREIRA - Patriotismo é isto *(Bate no ventre.)* e isto. *(Sinal de dinheiro.)* Já não bastava a famosa lei de 28 de setembro, que me obriga a educar moleques que não são meus filhos, e que, se são meus filhos, não são meus escravos! Canalha! *(Muito exaltado, e ameaçando, com os punhos cerrados, a porta da rua.)* Canalhas!

ROSINHA - Modere-se.

MOREIRA - Tem razão; o melhor é não dar-lhes importância. *(Põe-se de novo a passear pela sala, proferindo frases entrecortadas. Acalma-se pouco a pouco. Rosinha, durante este passeio, vai de novo à janela ver se chega o primo, e volta. Pausa.)*

ROSINHA - Com que então, o senhor tem cinqüenta escravos, hein?

MOREIRA *(Muito amável, pegando-lhe na mão.)* - Cinqüenta escravos que serão seus no dia em que consentir que eu peça a seus pais esta mãozinha.

ROSINHA *(Admirada.)* - Que a peça? Mas... para quem?

MOREIRA - Para mim mesmo; pois para quem há de ser?

ROSINHA *(Retirando-lhe a mão, sorrindo.)* - Neste caso, desconfio, meu caro senhor, que os seus escravos nunca serão meus.

MOREIRA *(Desabridamente.)* - Veremos.

ROSINHA - Hein?

MOREIRA - Pois não é tão bom possuir cinqüenta escravos? Cinqüenta e um, porque eu serei o mais humilde, o mais cativo de todos os seus cativos.

ROSINHA - Se julga que os meus pais disponham de mim com a mesma facilidade com que o senhor pode dispor de seus escravos...

MOREIRA - Mas, Dona Rosinha...

ROSINHA - O senhor bem sabe que meu coração já está dado, e vamos e venhamos - muito bem dado.

MOREIRA - Ora o seu coração! Sei que a namora o tal primo Ramiro; mas entre o namoro de um rapaz estabanado, que vai dar palmas a discursos de demagogos de meia tigela, e o amor calmo e refletido de um homem de senso prático, deputado provincial, proprietário agrícola e senhor de cinqüenta escravos, não me parece que haja hesitação possível!

ROSINHA *(À parte.)* - É divertido!

MOREIRA - E depois, nunca ouviu falar das desastrosas conseqüências de matrimônios entre parentes consangüíneos? Quer ter filhos idiotas?

ROSINHA *(Baixando os olhos.)* - Senhor Moreira..

MOREIRA - E eu... como não sou seu primo...

ROSINHA - Não é meu primo... *(Rindo-se.)* mas podia ser meu avô...

MOREIRA - Não exagere: eu tenho apenas cinqüenta anos.

ROSINHA - Justamente o número de escravos. Nada: prefiro ter filhos idiotas a ter um marido velho. Demais, Deus é bom e misericordioso: não há de permitir que eu seja mãe de idiotas.

MOREIRA - Se tiver filhos perfeitos, onde irá buscar meios para educá-los? Seu primo é um simples praticante de secretaria...

ROSINHA - Amanuense, aliás.

MOREIRA - Ou isso. Eu tenho talvez o dobro da idade dele, não nego; mas gozo de uma posição social definida. Tenho influência política... Não sou amanuense. Ser lavrador é tudo...

ROSINHA *(Atalhando.)* -... neste país essencialmente agrícola, já sei... Vou prevenir mamãe de sua visita... *(Vai a sair pela direita, segundo plano, e volta-se.)* Diga-me cá, Senhor Moreira: seus pais eram primos? Ah! Ah! Ah!... *(Sai)*

Cena IV

Moreira, só

[MOREIRA] - Ri-te, ri-te, minha sirigaita. Eu cá farei a cama a teu primo, que é o único obstáculo que se levanta entre nós. Era o que me faltava ver! Ser vencido por amanuense, eu, que sou senhor de trinta escravos...sim, porque, cá entre nós, só tenho trinta escravos. — Ao pai já falei... Mas o Gonçalo nada resolve por si... Felizmente a velha não morre de amores pelo tal priminho... Hei de falar-lhe hoje mesmo... *(Depois de uma pequena pausa.)* Ah, Major Gaudêncio! Major Gaudêncio! você é que é a causa destas declarações inoportunas de um amor que não sinto. — O caso é este; o Major Gaudêncio, o padrinho desta pequena, é um velho octogenário, que quebrou relações com o compadre por via das impertinências da comadre, e retirou-se para Maricá. Ora, aqui há coisa de mês e meio, o Major Gaudêncio disse-me em confiança que fizera o seu testamento e, não tendo parentes, instituíra a afilhada herdeira universal de todos os seus bens, que hão de orçar por trinta ou quarenta contos. — Estou, por conseguinte, empregando meios e modos para apanhar esta sorte grande... O diabo é que isto de primos...

Cena V

Moreira, Rosinha, depois **Gonçalo**

ROSINHA *(Da direita, segundo plano.)* - Mamãe pede-lhe que faça o favor de ir ter com ela; espera-o na sala de jantar.

MOREIRA - Lá vou. *(Vai saindo pela direita, segundo plano, e para.)* Reflita bem: com seu primo, a miséria dos amanuenses; comigo, uma bela fazenda de café, cinqüenta escravos, meia dúzia de apólices de conto de réis e, quando quiser, um título de baronesa. *(Sai.)*

ROSINHA *(Só.)* - Nem todo o ouro da terra, nem todos os títulos do mundo me fazem esquecer do meu Ramiro. *(Aplicando o ouvido.)* Sobem a escada... Oh! desta vez não pode deixar de ser ele! *(Vendo entrar o pai da esquerda, segundo plano, despeitada.)* Ora!

GONÇALO - Já chamei o médico. Onde está mamãe?

ROSINHA - Lá dentro, na sala de jantar. *(Gonçalo vai saindo.)* Está lá também o Senhor Moreira.

GONÇALO *(Parando.)* - Ah, está lá o Moreira? *(Coçando a cabeça.)* Este Moreira... *(Resolutamente, depois de uma pequena pausa.)* Olha, minha filha, tu sabes como é tua mãe... Se ela quiser, não queiras!

ROSINHA - O quê?

GONÇALO - Não queiras senão teu primo. Bate-lhe o pé! Se eu estiver do lado da tua mãe, não faças caso: bate-me o pé também a mim...

ROSINHA - Mas...

GONÇALO - Aí vem teu primo. Amem-se à vontade. *(Sai.)*

ROSINHA - Ele! Finalmente!... *(Corre ao encontro de Ramiro, que entra como um raio, pela esquerda, segundo plano, e conserva o chapéu na cabeça.)*

Cena VI

Rosinha, Ramiro

RAMIRO - Prima!

ROSINHA - Por que não vieste há mais tempo?
RAMIRO - Hoje quase morri!
ROSINHA - Credo!
RAMIRO - De entusiasmo!
ROSINHA - Respiro.
RAMIRO - Que talentos! que idéias! que eloqüência! que mocidade!
ROSINHA - Nunca te vi assim!
RAMIRO - Pudera! Se eu nasci hoje! Até agora, tu, só tu enchias o meu coração; doravante tens uma rival: a liberdade! É que nunca me lembrei de que um milhão e meio de homens amargam neste país a sorte mais bárbara, o mais horrível destino! *(Passando.)* Oh! viva a liberdade, formosa deusa que ilumina o mundo!
ROSINHA - Que entusiasmo! Não me faças tu ter ciúme da liberdade!
RAMIRO - Onde está teu pai!
ROSINHA - Está lá dentro, mas dize-me...
RAMIRO - Onde está tua mãe?
ROSINHA - Lá dentro. Mas... o que tens tu?
RAMIRO - E o Liberato?
ROSINHA - Está doente.
RAMIRO - Vai chamar teu pai, vai chamar tua mãe, vai chamar o Liberato!
ROSINHA - Mas se te acabo de dizer que o Liberato está doente?
RAMIRO *(Com piedade.)* - Doente! doente!... *(Outro tom.)* Quero aqui reunido um conselho de família!
ROSINHA - Um conselho de família! Mas o que será, meu Deus!
RAMIRO - Vai, Rosinha, vai... Trago no coração um peso enorme! Meu pai não pode tardar aí. A sua presença também é indispensável.
ROSINHA - Mas como estás hoje! Tira o chapéu, dá cá a bengala. *(Ramiro obedece. Triste.)* Nem sequer me perguntaste como passei.
RAMIRO *(Tomando-lhe as mãos.)* - Perdoa, Rosinha, perdoa. Amo-te muito, muito, muito! És um anjo, e eu só me considerarei digno de ti, depois deste conselho de família! - vai chamar teus pais.
ROSINHA - Vou já. *(Sai pela direita, segundo plano, depois de ter posto a um canto a bengala e o chapéu do primo. Ramiro vai ao encontro de Lopes, que entra da esquerda, segundo plano.)*

Cena VII

Ramiro, Doutor Lopes

RAMIRO - Ah, meu pai! Chega em boa ocasião! Mas por que não veio comigo?
LOPES - Tinha que ir à casa consultar a lei e arranjar os quinhentos mil réis. *(Batendo na cabeça.)* Cá está a lei *(Batendo na algibeira do peito.)* e cá está o dinheiro.
RAMIRO - Compreendo: o pecúlio do escravo.
LOPES - Já lhes falaste?
RAMIRO - Ainda não. Convoquei-os a um conselho de família, aqui na sala.
LOPES - Entusiasmou-me o teu entusiasmo, e a tua humanitária lembrança me encheu de orgulho de ser teu pai. És o homem que eu sonhava, quando te acalentava ao

colo. No período abolicionista que atravessamos, ser escravagista já não é mau nem absurdo: é ser ridículo.

RAMIRO *(Olhando para a porta da direita, segundo plano.)* Eles aí vem... Eles e... e o Moreira, se não me engano.

LOPES - O Moreira? Má notícia.

Cena VIII

Ramiro, Lopes, Rosinha, Dona Perpétua, Moreira, Gonçalo

DONA PERPÉTUA *(Com impertinente volubilidade, enquanto Rosinha toma a benção a Lopes, e Gonçalo e Moreira, cumprimentam Lopes e Ramiro.)* - Viva lá, senhor meu sobrinho! Então Vossa Excelência não se quis dar ao trabalho de entrar? Se nos queria falar, por que não foi lá ter, senhor fidalgo? Quem tem a dor de dentes é que vai ao barbeiro. Tão longe era de cá lá como de lá cá! *(Vendo o Doutor Lopes)* Olé! também aí está, senhor meu mano? Viva! Como vai de saúde o senhor advogado? Há de fazer o favor de me explicar que farsa é esta de conselho de família, que a Rosinha não soube dizer. Estamos todos reunidos. Diga lá o que pretende, senhor meu sobrinho das dúzias!

LOPES *(À parte.)* - É uma máquina Marinoni a falar!

MOREIRA - Perdão, mas ao que parece, sou aqui demais.

LOPES *(Com desembaraço.)* - Na realidade, uma vez que se trata de um conselho de família...

RAMIRO *(Idem)* - E não pertencendo o senhor Moreira à família...

LOPES *(Idem)* - Que nos conste...

DONA PERPÉTUA - Não pertence à família, mas... quem sabe? O mundo dá tantas voltas...

MOREIRA - Isso é verdade, minha senhora: as voltas que o mundo dá! *(Indo buscar o seu chapéu à esquerda.)*

DONA PERPÉTUA - Fique. *(Toma-lhe o chapéu, e coloca-o onde estava.)* O Senhor Moreira é pessoa de nossa amizade; pode assistir ao conselho; pode mesmo tomar parte dele.

MOREIRA - Nesse caso, peço licença para representar aqui o Major Gaudêncio, que é um quase parente.

DONA PERPÉTUA - Bem lembrado: representa o compadre Gaudêncio. *(Moreira senta-se.)*

LOPES - A falar no Major Gaudêncio. Aqui tem, mano Gonçalo, uma carta de Maricá... Entregou-ma o carteiro, no corredor, quando eu subia.

DONA PERPÉTUA *(Tomando a carta que ia ser entregue ao marido.)* - Dê cá. Nesta casa sou eu que abro as cartas. Lerei logo mais, não tenho aqui meus óculos. *(Fica com a carta fechada na mão.)*

MOREIRA *(Passando perto de Rosinha.)* - Este mundo dá tantas voltas!

RAMIRO *(Que observou.)* - O que lhe diria ele?

LOPES - Bem, sentemo-nos. *(Colocando a poltrona no centro da cena.)* Este é o ligar de honra; deve ficar aqui o dono da casa, para presidir o conselho.

DONA PERPÉTUA *(Sentando-se na poltrona.)* O dono da casa sou eu.

LOPES - Perdão, mana, mas a casa é de Gonçalo.

DONA PERPÉTUA *(Repoltreada.)* - Por isso mesmo.

LOPES - A... mana manda mais que o galo.

DONA PERPÉTUA *(Erguendo-se de um salto.)* - Observo-lhe, senhor meu mano, que eu não sou galinha.

LOPES - Bem! Não val'zangar-se. *(Colocando duas cadeiras de cada lado da poltrona.)* Senta-te aqui Ramiro. *(Fá-lo sentar-se na primeira cadeira a começar da esquerda.)* Rosinha, tu aqui. *(Na segunda.)* O Senhor Moreira ali. *(Na quarta.)* e eu aqui. *(Na terceira. - Estão todos sentados na seguinte ordem, a começar da esquerda: Ramiro, Rosinha, Dona Perpétua, Lopes, Moreira.)*

GONÇALO *(De pé.)* - E eu?

DONA PERPÉTUA - Fica onde quiseres. Enquanto deliberamos, vai lá dentro, pega numa agulha e cose. *(Gonçalo procura com a vista uma cadeira, e, não a encontrando, vai debruçar-se na sacada ao fundo, ficando de frente para a cena.)*

DONA PERPÉTUA - Está aberto o conselho de família.

RAMIRO *(Erguendo-se.)* - Tomo a palavra. Reuni-os para comunicar-lhes uma idéia grandiosa que há duas horas me anda dançando no cérebro.

LOPES *(A uma cara de Dona Perpétua.)* - Não se assuste com essa coreografia, mana.

RAMIRO - Nós possuímos um escravo.

DONA PERPÉTUA - Um só, infelizmente. Meu pai, teu tio, morreu sem testamento.

LOPES - *Ab intestato.*

DONA PERPÉTUA - Deixou por única herança um escravo. *(Lopes ergue-se. Ramiro senta-se.)*

LOPES - Não houve composição entre os herdeiros: o escravo não foi à praça... Como o negro, apesar de ser coisa, não era coisa que se dividisse, sim, porque afinal de contas, eu não podia ficar com a cabeça, ali a mana com uma perna, etc., resolvemos fazer o que em direito se chama uma partilha amigável. O escravo veio prestar serviços à mana, sem deixar, *ipso facto* de nos pertencer a todos. *(Senta-se. Ramiro levanta-se.)*

RAMIRO - Muito bem. Este pobre Liberato, que assim se chama o escravo...

LOPES - Paradoxo batismal;

RAMIRO - Esse pobre Liberato há vinte anos que nos presta muito bons serviços.

DONA PERPÉTUA *(Erguendo-se.)* Muito bons serviços? Ora, sou sua criada, senhor meu sobrinho! Muito bons serviços! Um desavergonhado! Um preguiçoso! Um beberrão!

RAMIRO *(Com violência.)* - Desavergonhado! E quer que tenha vergonha um miserável escravo!

LOPES *(Idem.)* - Preguiçoso! E quer que seja ativo quem nunca viu a recompensa do seu trabalho!

RAMIRO *(Idem.)* - Beberrão! Nunca se constou que o Liberato bebesse! *(Todos se erguem e falam ao mesmo tempo. Gonçalo desce ao proscênio. Confusão geral.)*

RAMIRO - É uma injustiça! Sugar-lhe o sangue durante vinte anos, e, ao cabo, tratá-lo desta sorte! Isto brada aos céus!

LOPES - Com isto já contava eu! E então quando a mana souber da idéia do Ramiro! O melhor é tratar já do depósito!

DONA PERPÉTUA - É um preguiçoso, um beberrão, repito! Não presta para nada! Não me tem dado senão desgostos o maldito do negro!

ROSINHA - Mas, meu Deus! o que é isto? Fale cada um por sua vez! Assim não se podem entender! Silêncio!

MOREIRA - E então! Estamos na Assembléia Provincial? Entendam-se!

GONÇALO - Isto parece mais a Praia do Peixe! Silêncio! Olhem os vizinhos!

RAMIRO *(Conseguindo falar mais alto que os outros, que se calam.)* - Há dez anos, em 1870, penetrou um ladrão nesta casa. A senhora, minha tia, viu-o e deu um grito! O ladrão avançou, e matá-la-ia com um punhal, se o Liberato, interpondo-se, não o tivesse subjugado.

LOPES - A mana deve a vida a esse desavergonhado, a esse beberrão!

DONA PERPÉTUA - Grande coisa! Pois se o diabo tinha visto o ladrão, e se me ouvira gritar, não fez mais que o seu dever, que era salvar sua senhora!

RAMIRO - Em que código está prescrito este dever?

DONA PERPÉTUA - E sabe Deus se o negro não se achava ali com as mesmas intenções do ladrão...

RAMIRO - Oh!...

DONA PERPÉTUA - Os negros são capazes de tudo!

LOPES - Você, mana, é um Clube da Lavoura... de saias...

DONA PERPÉTUA - E você é um malcriado!

RAMIRO - Bem, já vejo que perco o meu latim! A minha proposta está prejudicada.

DONA PERPÉTUA - Mas o que nos queria propor este espirra-canivetes?

RAMIRO - O quê? Ouça, mas não desmaie!

LOPES - Tens razão. São necessárias certas precauções. Espera. *(Batendo nas mãos.)* Um... dois... e..

RAMIRO - A liberdade do Liberato.

DONA PERPÉTUA *(Saltando.)* - O quê?...

RAMIRO e LOPES - A liberdade do Liberato.

DONA PERPÉTUA - Isso nem resposta tem. Sabem que mais? Não sejam tolos, seus pedaços d'asnos! *(Falam todos a um tempo. Confusão geral.)*

DONA PERPÉTUA - Era o que me faltava! Alforriar o Liberato! mas por que cargas d'água, seus idiotas?

ROSINHA - Mas que palavras são essas, mamãe? Veja que está aqui o Senhor Moreira.

RAMIRO e LOPES - O que queremos é justo, justíssimo! Um pobre diabo que trabalha de graça há vinte anos, e não nos custou um real!

MOREIRA *(Caindo na poltrona, às gargalhadas.)* - Ah! Ah! Ah!... Só esta agora me faria rir! Ora estes abolicionistas que querem abolir o que não é seu! Ah! Ah! Ah!

GONÇALO *(À parte.)* - Eles não arranjam nada como Dona Perpétua. Oh! com quem se vieram meter! Logo com ela! Boas!...

LOPES *(Dominando com sua voz as demais.)* - Bem, agora falo eu! A mana quer receber em dinheiro a parte que lhe toca e a sua mulher... Oh! quero dizer: a seu marido? *(Moreira ergue-se.)*

DONA PERPÉTUA *(Encarando-o com desdém e encolhendo os ombros.)* - Vou lá dentro buscar os meus óculos, para ler esta carta. *(Sai pela direita, segundo plano, abrindo a carta. Rosinha vai para a janela.)*

LOPES *(A Gonçalo.)* - O que diz você, mano Gonçalo?

GONÇALO *(Coçando a cabeça.)* - Eu?... Eu?.... Olhe, eu vou ver o Liberato... O médico ainda não veio e... *(Sai pela esquerda, primeiro plano.)*

LOPES *(A Ramiro, enquanto Moreira vai conversar com Rosinha, à janela.)* - Esta casa é hoje a imagem perfeita do país em que vivemos. Cada instituição tem hoje aqui o seu emblema. Nós somos os filantropos: a utopia, o direito; aquele fazendeiro pedante, a lavoura, uma força; a mana e a Rosinha, a representação nacional: imposição, sofisma, sujeição; Gonçalo, o povo, indiferença e pusilanimidade.

RAMIRO - E lá está o pobre Liberato, para simbolizar a escravatura.

LOPES *(Indo gritar à porta, por onde saiu Dona Perpétua.)* - Ah! é assim que nos trata a mana? Pois é uma questão de capricho! Daqui a uma hora o Liberato está livre! *(Descendo ao proscênio.)* Toma!

DONA PERPÉTUA *(Voltando, com a carta aberta na mão.)* - Hein? Como é lá isso? *(A Moreira, que desce ao proscênio.)* Nem me deram tempo de procurar os óculos!

LOPES - É isso mesmo! Lei número 2040 de 28 de setembro de 1871. Artigo quarto, parágrafo primeiro. pecúlio do escravo. Quinhentos mil réis! Não lhe digo mais nada! *(A Ramiro.)* Vamos, meu filho, vamos buscar a guia ao juízo de órfãos, para fazer o depósito no Tesouro.

RAMIRO - Vamos! *(Tomam os chapéus, e saem, arrebatadamente, pela esquerda, segundo plano.)*

Cena IX

Dona Perpétua, Moreira, Rosinha, à janela

DONA PERPÉTUA *(Atônita, de braços cruzados, depois de uma pausa.)* - O que me diz a isto, Senhor Moreira?

MOREIRA *(Muito calmo.)* - Digo, Senhora Dona Perpétua, que nunca vi coisa que me surpreendesse tanto! É o resultado das tais conferências abolicionistas! Só servem para semear a discórdia no seio das famílias! Mas que o Senhor Ramiro tenhas estas idéias, vá; até certo ponto merece desculpa... Mas seu irmão, minha senhora, o Senhor Doutor Lopes, um homem que me parecia tão bom, propor a alforria de um negro! Estou perplexo. Ter um negro, um só, e pretender libertá-lo! Eu cá, tenho sessenta e não liberto nem meio! *(Aproximando-se muito dela e baixinho.)* E é ao Senhor Ramiro que vão dar a mão daquele anjo? *(Aponta para Rosinha, que se tem conservado na janela.)* Ao Senhor Ramiro?! Mas pelo amor de Deus, Senhora Dona Perpétua! o procedimento de seu sobrinho autoriza-me a reiterar o pedido que formalmente lhe fiz ainda há pouco, lá na sala de jantar.

DONA PERPÉTUA *(Muito alto.)* - É sua a mão de minha filha, Senhor Moreira. *(Rosinha volta-se subitamente e desce ao proscênio.)* Não há mais que discutir. *(Com autoridade, a Rosinha.)* Está ouvindo, menina? O Senhor Moreira vai ser teu marido.

ROSINHA *(Naturalmente)* - Isso não é comigo, mamãe. *(Gesto de satisfação de Moreira.)*

DONA PERPÉTUA - Bem sei, é comigo.

ROSINHA - Também não é com vossemecê.

DONA PERPÉTUA - Queres dizer que é com teu pai. Neste casa só se faz o que eu quero.

ROSINHA - Não duvido, mas eu não pretendo casar nesta casa e sim na igreja.

DONA PERPÉTUA - Menina!

MOREIRA *(A Rosinha.)* - Mas, minha senhora, se isto não é com a senhora, nem com seu pai, nem com sua mãe, com quem é então?

ROSINHA - É com primo Ramiro.

DONA PERPÉTUA e MOREIRA - Hein?

ROSINHA - Certamente. Eu dei o meu coração a primo Ramiro. Para dá-lo a outro homem, é preciso que ele mo restitua.

DONA PERPÉTUA - Pois tem o descoco de falar desse modo em presença de tua mãe?

ROSINHA - Quero a minha liberdade. Parece-me que não sou o Liberato! *(Vai de mau modo para a janela.)*

DONA PERPÉTUA - Não é o Liberato! Senhor Moreira, segure-me, senão, deito-me a perder.

MOREIRA *(Segurando-a.)* - Minha rica senhora, o mundo está perdido. A liberdade anda agora como Salsaparrilha de Bristol.

DONA PERPÉTUA - Uma menina educada no colégio da Baronesa de Geslin!

MOREIRA *(Segurando-a sempre.)* - Já ouvi dizer que é o melhor colégio da corte!

ROSINHA *(Voltando da janela.)* - Primo Ramiro aí vem, Senhor Moreira. Peça-lhe que ceda o meu coração. Ofereça luvas. *(Vai encostar-se a um consolo da direita.)*

Cena X

Dona Perpétua, Moreira, Rosinha, Doutor Lopes, Ramiro

LOPES *(Entrando com Ramiro pela esquerda.)* - Sai, num estado de tal excitação que me não lembrei de que hoje é domingo e o juízo de órfãos não funciona.

MOREIRA *(Sorrindo.)* - Mesmos nos dias úteis, a estas horas já deve estar encerrada a audiência.

RAMIRO - Vimos ainda uma vez propor-lhes uma conciliação. Recebam os quinhentos mil réis.

DONA PERPÉTUA *(Vai como responder, mas arrepende-se.)* - Vou lá dentro buscar os meus óculos para ler esta carta. *(Saindo.)*

LOPES - A mesma impertinência de ainda agora.

MOREIRA - Não é preciso incomodar-se, Senhora Dona Perpétua: se me der licença, eu leio a carta.

DONA PERPÉTUA - Por favor. *(Passa-lhe a carta e Ramiro vai ter com Rosinha.)*

LOPES *(Passeando pela sala, à parte.)* - Nunca vi homem mais metediço.

MOREIRA *(Depois de ler a assinatura.)* - A carta vem de Maricá, mas não é do Major Gaudêncio.

DONA PERPÉTUA - De quem é então?

MOREIRA - É do vigário da freguesia. *(À parte.)* O que será?

DONA PERPÉTUA - Ah! o vigário é conhecido velho de meu marido. Leia.

MOREIRA *(Lendo.)*- “Amigo e Senhor Gonçalo. Vou ter o pesar e ao mesmo tempo o prazer de dar a Vossa Senhoria duas notícias, uma boa e outra má.” *(Aproximam-se todos com curiosidade. Grupo.)* “Deus foi servido chamar à Sua presença o Senhor Major Gaudêncio”. E esta!

DONA PERPÉTUA - Pois morreu o compadre?!

TODOS *(Consternados.)* - Ah!

MOREIRA *(Continuando a leitura.)* - “Abri hoje mesmo o seu testamento. Deixou tudo quanto possui à sua afilhada Dona Rosa, filha de Vossa Senhoria. Os escravos, porém, ficaram livres.”

ROSINHA - E se o não ficassem, eu libertá-los-ia.

RAMIRO - Muito bem, Rosinha!

DONA PERPÉTUA - Era o que havíamos de ver! - Continue, Senhor Moreira.

MOREIRA *(Que tem lido para si o resto da carta, disfarça, fecha-a e entrega-a a Dona Perpétua.)* - É só.

LOPES *(Que se acha ao lado do Moreira, e tem também lido.)* - Perdão, mas o senhor não leu tudo. *(Toma a carta e abre-a.)*

MOREIRA - Ah! É verdade! Esquecia-me que tenho de jantar com um amigo político à Rua de São Clemente. Minhas senhoras e senhores, passem bem! *(Toma o chapéu e sai.)*

ROSINHA - Na verdade, o Senhor Moreira era aqui demais: morreu meu padrinho, já não tinha a quem representar.

LOPES *(Que tem aberto a carta, lendo.)* - “O testador impôs apenas uma condição: Dona Rosa só poderá aceitar a herança, casando com seu primo, o Senhor Ramiro Lopes.!

RAMIRO e ROSINHA - Ah! *(Corre um para o outro.)*

RAMIRO - Minha tia, agora não peço: exijo a liberdade do Liberato. A felicidade de sua filha está nas minhas mãos,

Cena XI

Dona Perpétua, Rosinha, Ramiro, Doutor Lopes e Gonçalo

GONÇALO *(Entrando, fora de si.)* - Sabem?... Sabem?... O Liberato...

TODOS - O que tem?!

GONÇALO - Morreu!

TODOS - Morreu?!

GONÇALO - De repente. Quando entrei no quarto, exalava o último suspiro.

DONA PERPÉTUA *(Desabridamente, depois da muda estupefação geral.)* - E eu, que recusei os quinhentos mil réis!...

LOPES - Com esse dinheiro far-lhe-emos um enterro decente. *(A Ramiro.)* Disseste que o Liberato simbolizava a escravatura; vês? Decididamente a morte é o único meio eficaz de emancipação.

[Cai o pano]

FIM